



**PERSPECTIVAS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 9, Nº 2, 2024, P. 27-44  
ISSN: 2448-2390

## **Elementos para uma reflexão sobre a supressão da religião em Karl Marx**

### **Elements for a reflection on the suppression of religion in Karl Marx**

DOI: 10.20873-rpvn9v1-19

**Antônio Glaudenir Brasil Maia**

**Email:** glaudenir@gmail.com

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2772-9032>

**David Machado**

**Email:** david.machado199@gmail.com

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-8385-003X>

#### **Resumo**

O presente artigo expõe o pensamento crítico do filósofo Karl Marx acerca da religião e do Estado moderno, considerando suas estruturas e contradições com a realidade da sociedade capitalista, e tem como objetivo principal gerar uma reflexão acerca da impossibilidade da permanência da religião em uma sociedade emancipada. Mostrando em seus escritos de forma categórica, Marx afirma que a religião, enquanto superestrutura, não se faz presente em uma sociedade emancipada, e que atribuindo ao modo de como a sociedade capitalista domina a humanidade em todas as suas esferas de atuação, tais como trabalho, reprodução, educação, condições materiais de existência, perpetuando a ideologia burguesa, não só no modo de produção, mas como também dentro da subjetividade do homem, fazendo com que o mesmo procure a religião como forma de refúgio.

#### **Palavras-chave**

Crítica da Religião; Emancipação Humana; Materialismo Histórico-Dialético.

#### **Abstract**

The present article exposes the philosopher Karl Marx's critical thinking about religion and the modern state, considering its structures and contradictions with the reality of capitalist society, and its main objective is to

generate a reflection about the impossibility of the permanence of religion in an emancipated society. Showing in his writings categorically, Marx states that religion, as a superstructure, is not present in an emancipated society, and that attributing to the way in which a capitalist society dominates humanity in all its spheres of activity, such as work, reproduction, education, material conditions of existence, perpetuating the bourgeois ideology, not only in the mode of production, but also within the subjectivity of man, making him obtain a religion as a form of refuge.

### **Keywords**

Criticism of Religion; Human Emancipation; Historical- Dialectical Materialism.

## **1. Introdução**

O funcionamento da sociedade capitalista, desde a sua origem, deixou uma série de contradições em sua praticidade e daquilo que deveria ser em suas constituições. No pensamento de Marx, como diz no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), a sociedade burguesa moderna criou novas condições de existência, de produção de riquezas, de organização legislativa, novas formas de exploração. Criou-se, diante desse cenário, uma nova classe, a do proletariado, e continuaram os antagonismos de classe, conseqüentemente, novas formas de luta.

A religião não chegou ao fim com o iluminismo, muito pelo contrário, estabeleceu-se como instituição fundamental para a composição da sociedade capitalista, e afeta, além da vida privada dos indivíduos, também a vida pública dos mesmos. Ela representa, ainda, o sintoma estruturante do capital, desde o modo de produção das mercadorias até as esferas ideológicas.

Considerando que o contexto histórico da época, Europa do século XIX, proporcionou debates fortes sobre a realidade política, econômica, social e religiosa, juntamente com seus colegas hegelianos de esquerda. A partir disso, teve o primeiro confronto intelectual entre ambos nos Anais Franco-Alemães (1844) a respeito da emancipação política dos judeus. Esse debate serviu de fundamentação primária para o início da pesquisa, pois, no contexto em questão, Marx critica Bruno Bauer afirmando que suas concepções sobre os problemas do fenômeno religioso não passavam de especulação teológica. Quando, na verdade, a principal fundamentação para se entender conjuntamente a religião, é a realidade social e política, oriundas da realidade concreta.

Analisando os textos estudados, consideramos em Marx que a problemática envolvendo

a religião não é meramente teológico. Não se trata de abdicar ou não de direitos burgueses ou de identidade religiosa para conseguir a emancipação de um povo, trata-se de observarmos a realidade material de existência dos homens. Ou seja, como se é produzida a riqueza de uma sociedade, o antagonismo de classes e dos direitos constitucionais e sua contradição com a realidade material de toda a sociedade.

Na *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1844) Marx deixa claro que a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica. Utilizando o método materialista analisa a sociedade da seguinte forma: o homem faz a religião, e não o contrário. O homem que cria e transforma a sociedade, o Estado e a história, e é esse Estado e essa sociedade que produzem a religião e toda a sua estrutura, de forma invertida da realidade. A religião cumpre alguns papéis dentro da sociedade capitalista, tais como expressar a miséria capitalista e protestar contra essa própria miséria. Considerando as implicações postas, o trabalho está dividido em três partes, a saber:

Na primeira parte tratamos uma exposição histórica do debate acerca da religião na Alemanha e posteriormente iremos abordar *O Conceito de Emancipação Humana*. Portanto, para entendermos como Marx debate sobre a questão, não só religiosa, mas político e socio-econômica da época e uma possível saída para a solução da problemática em questão. No segundo momento, foi trabalhado a *Crítica da Religião* propriamente dita, todas as características que a religião exerce no Estado moderno, sua relação com ele e a sua influência na subjetividade e nas condições materiais dos homens e mulheres que a compõe. Analisamos também a religião como superestrutura ideológica e sua peculiaridade que a difere fundamentalmente dentre outras ideologias burguesas. Na terceira e última exposição respondemos a pergunta e o problema central da pesquisa: É possível haver religião em uma sociedade emancipada de acordo com Marx? Tratamos a *Supressão da Religião* propriamente dito, em como numa sociedade comunista, na felicidade real, a supressão da religião se faz presente e a flor viva desabroche<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Marx afirma que a crítica deve arrancar as flores imaginárias dos grilhões, para que os trabalhadores possam se devencilhar desses grilhões e a verdadeira flor viva desabrochar, transformando e criando um novo mundo, sem

## 2. O conceito de emancipação humana em Marx

O estudo da religião e do pensamento filosófico de Hegel foi fundamental para o desenvolvimento teórico de Marx e sua trajetória acadêmica na época de sua graduação em Direito na Universidade de Berlim<sup>2</sup> e também para a sua relação com os hegelianos. A Alemanha, na época Reino da Prússia, sempre foi marcada por debates fortes acerca do pensamento político, cristianismo, ateísmo, história e artes. A religião seria fundamental para o Estado, já que o mesmo, naquela época, considerava-se cristão, o que fomentava ainda mais o âmbito das discussões que havia naquele período.

Nesse período Marx conhece Bruno Bauer, e fica muito próximo aos jovens hegelianos, grupo que tinha posições mais radicais contra a religiosidade e buscava a revolução burguesa na Prússia. Bauer também fora professor do jovem Marx, o próprio fez uma disciplina sobre sua orientação, um curso sobre Isaías, onde fora aprovado. Na ocasião se discutiam as questões teológicas e críticas a respeito da historicidade dos Evangelhos, Bauer acreditava que eles eram como produto da autoconsciência dos próprios escritores, além do mais, ele já se tornara um ateu convencido e não só radicalizou seu posicionamento religioso como também político.

A amizade dos dois se mostrava forte e havia perspectiva de um trabalho publicado em conjunto. Em algumas cartas, Bauer motivava e cobrava Marx para que concluísse logo seu doutoramento e ocupasse o cargo de professor na universidade.

Na primavera de 1844, tendo Marx já defendido sua tese de doutorado, casado com Jenny Von Westphalen e exilado na França por conta da publicação de seu artigo “*Debates sobre a lei referente ao furto de madeira*” pela *Gazeta Renana*, publicou o artigo seguinte *Sobre a Questão Judaica* pelos *Anais Franco-Alemães*. Marx entra em um debate com o Bruno Bauer acerca de sua crítica ao Estado cristão, na ocasião é discutido o processo moderno de emancipação política da classe burguesa, ou seja, o processo pelo qual o Estado moderno democrático capitalista se consolidou pós-revolução Francesa. No entanto, ele não se limita a

---

alienação, exploração, propriedade privada e pelo bem comum.

<sup>2</sup> Marx iniciou a graduação na Universidade de Bonn em 1835 com 17 anos. Em 1836 seu pai o transferiu à Universidade de Berlim e em 1841 defendeu sua tese de doutoramento concluindo seu curso.

examinar o Estado Burguês apenas na perspectiva idealista. Indo além, Marx analisa se a realidade concreta das sociedades capitalistas permite, de fato, uma efetivação dos direitos humanos fundamentais e que possa resolver o problema religioso do Reino da Prússia.

A crítica de Bruno Bauer ao judaísmo é muito limitada e não ultrapassa o campo teológico. Segundo ele, os judeus alemães são egoístas, porque procuram encontrar uma emancipação de direitos apenas para eles próprios dentro de um Estado de regalias, como era a situação do Estado Alemão naquela época, segunda metade do século XIX. Os judeus queriam gozar de direitos e ainda mais colocar a sua religiosidade acima de sua humanidade, ou seja, não irião abandonar seus pressupostos religiosos. Da mesma maneira, o Estado cristão prussiano, não pode pôr em igualdade e somar aos judeus seus direitos porque o próprio Estado cristão prussiano não deixa de atuar seguindo seus dogmas e pressupostos religiosos. Um Estado religioso, segundo Bauer, não pode de forma alguma funcionar de modo em que o mesmo conceda privilégios para aqueles que compõem sua religiosidade, portanto, um Estado onde os principais direitos e liberdade são efetivados apenas aos seus confrades e membros.

Marx analisa o argumento do hegeliano da seguinte forma:

Ele impõe condições que não estão fundadas na essência da emancipação política mesma. Ele levanta perguntas que não estão contidas na tarefa que se propôs e resolve problemas que deixam o seu questionamento sem resposta. Bauer diz sobre os adversários da emancipação dos judeus que: "Seu único erro foi presumirem que o Estado cristão é o único verdadeiro e não o submeterem à mesma crítica com que contemplaram o judaísmo" (p. 3); diante disso, vemos o erro de Bauer no fato de submeter à crítica tão somente o "Estado cristão", mas não o "Estado como tal", no fato de não investigar a relação entre emancipação política e emancipação humana e, em consequência, de impor condições que só se explicam a partir da confusão acrítica da emancipação política com a emancipação humana geral. (MARX, 2010, p.36).

Bauer quer legitimar a emancipação política com a sugestão de que judeus e cristãos abdicuem de sua religiosidade, eliminem a religião do seio institucional para criarem um estado laico onde as suas religiosidades não ultrapassem os limites da esfera privada. Para ele, a emancipação política é a verdadeira emancipação humana e, portanto, não observa que o Estado moderno na sua verdadeira essência, nas contradições que existem em sua estrutura e na oposição de seus dogmas mais idealistas. O papel do "Estado como tal" não se faz presente

na realidade da materialidade factual dos indivíduos que compõem a sociedade da qual esse Estado representa.

Marx afirma que a religião e a emancipação política não são duas categorias que estão sempre em contradição umas com as outras, e cita os Estados Unidos da América como uma nação emancipada politicamente e que constitui cidadãos livres para exercer atividades religiosas das quais plenamente preferirem. No entanto, a partir dos limites desse Estado ideal, que se caracteriza como o precursor e executor da verdadeira liberdade individual e dos direitos iguais a todos os homens, de forma contraditória, esses direitos não se fazem presentes na realidade concreta. Fazendo os homens buscarem na própria religião a satisfação de suas carências mais necessárias, seja materialmente ou espiritualmente.

Nessa forma, a emancipação política não constitui a verdadeira emancipação humana, que seria a verdadeira liberdade dos homens, sem o Estado como mediador de normas, regras e leis, o fim da exploração entre os mesmos e a efetivação real da felicidade humana:

[...] a liberdade que garante igualdade aos homens é aquela que mostra a sua essência genérica, um ser por si mesmo, que atua, confirmar-se no seu ser, sem seu saber, aquele que, não busca objetos fora de si, essa é a chamada emancipação humana a que Marx indagou na modernidade, que mostrou tamanha importância e necessária para a vida humana. Na leitura do filósofo alemão, a crítica da emancipação política em relação à religião modificou-se na relação da liberdade política com a emancipação humana. (PINTO; MAIA, 2018, p. 269).

A emancipação política nos trouxe a democracia burguesa moderna, caracterizada pela contradição fundamental entre igualdade de direitos civis e humanos concretos e liberdades políticas. Essa é uma contradição inseparável ao sistema socio econômico político burguês, o que significa dizer que a verdadeira democracia e capitalismo se opõem fundamentalmente. Para nós obtivermos uma democracia partimos de um pressuposto que todos os participantes desta mesma democracia tenham condições materiais determinadamente iguais para efetivar-se. Os homens e mulheres, devem ter suas potencialidades desenvolvidas para a realização desta atividade, onde se é composto e escolhido as principais atividades política desta sociedade. O que claramente dentro do sistema capitalista é impossível. Pois, o próprio sistema em suas raízes é desigual, a própria estrutura e a lógica de produção das riquezas fazem com

que uma grande massa seja desafortunada de condições materiais básicas, de desenvolvimento social. E, portanto, seja dominada em todas as esferas que constitui essa sociedade.

Para Marx, a construção da emancipação humana é a alternativa mais viável para a superação dos problemas estruturais decorrentes da própria contradição da emancipação política burguesa, porque há evidentemente um conflito entre o indivíduo sensível e o indivíduo genérico, entre o *citoyen* e o *bourgeois*, e essa emancipação é caracterizada fundamentalmente com a supressão do modo de produção capitalista e de toda e qualquer alienação política, resolvendo a questão judaica e os problemas da exploração de homens e mulheres para com homens e mulheres.

### 3. Crítica da religião em Marx

É no artigo *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução* que Marx irá lançar uma análise importante da atuação da religião tanto no âmbito de instituição como na vida privada dos indivíduos. Ele começa afirmando que na Alemanha a crítica da religião havia terminado, e que a religião seria o pressuposto de toda a crítica. É interessante destacar que não há fundamentação teológica na filosofia de Marx, segundo o mesmo, a criação da religião não é divina e sim produto da própria humanidade, quando o homem procurou na fantasia, um ser supremo que correspondia às qualidades de um ser dotado de características especiais, ele encontrou o reflexo de si mesmo<sup>3</sup>. Como materialista<sup>4</sup> ele raciocina que a religião tem como sua principal fundamentação as condições materiais da existência dos homens e mulheres, e é essencialmente nessas condições materiais que a humanidade entrelaça tanto sua

---

<sup>3</sup> Aqui vemos a influência do pensamento de Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* (1841): “A religião é a reflexão, o reflexo da essência humana em si mesma” (FEUERBACH, 2018, p. 68).

<sup>4</sup> Observamos que, para Marx e Engels, em contraponto a Feuerbach, a análise da história da humanidade não deve ser elaborada fora de sua materialidade, e, tampouco, que haja qualquer absurdo religioso que unam os homens em sua história, como se a religião fosse algo inerente a atividade humana, como o reflexo religioso no mundo fosse uma característica universal da humanidade enquanto espécie.

A história, para nossos autores, nada mais é que a sucessão de acontecimentos de várias gerações. Cada geração explora os materiais da natureza, os modos de produção e as forças de produção das gerações passadas e as transforma na medida de suas necessidades materiais. Ela pode conservar características desses modos de produção e, ao mesmo tempo, modificar completamente as antigas condições, supressando as forças de produção. A partir disso, nota-se, portanto, a dialética do materialismo-histórico.

atividade do pensar como sua própria atividade material, sendo essa atividade material denominada como trabalho.

De acordo com essa perspectiva ele declara que a religião funciona de forma invertida do mundo, ou seja, no contexto da sociedade moderna burguesa, diante da realidade brutal do capital o homem cria sua ilusão de uma realidade fantástica com a finalidade de se entorpecer e obter uma justificação teológica universal. O trabalho é o principal estímulo para o processamento da vida real dos homens e, na conjuntura do capital, o proletariado é explorado e oprimido pela lógica de reprodução capitalista. Nesse sentido, podemos concluir que a religião, de forma não intencional, está revelando a realidade social na medida em que a humanidade busca uma salvação para esta trágica realidade. Ele pontua:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. (MARX, 2005, p. 144).

Quando Marx afirma que a religião expressa a miséria real da sociedade moderna, ela nos mostra também a contradição do Estado. Teoricamente, o Estado moderno, assegura os direitos civis e morais dos seus cidadãos. No entanto, o fato de haver pessoas sem moradia, desempregadas, sem saúde de qualidade, educação universal, pessoas no mapa da fome, sem proteção à maternidade e à infância e sem lazer, nos mostra a ineficiência desse Estado. E mais, a própria miséria religiosa protesta contra essa miséria real, pois além de nos mostrar essa contradição entre teoria e prática das constituições burguesas, também protesta em relação a ausência desses direitos.

A sua análise da religião e da sociedade civil, feita no século XIX, ainda se faz presente nos dias atuais, mas o proletariado, dentro dessa expressão da miséria e protesto contra essa miséria, consegue enxergar por si só tal antagonismo? Marx nos responde que não. A religião tem uma função bem elementar nessa contradição do Estado Moderno, como não foi abolida, e sim assegura, sua ocupação como instituição burguesa, ela servirá nessas situações como o afago espiritual. Em sua atuação como religião dominante dentro da maioria dos Estados

burgueses, o cristianismo propaga que a pobreza de bens materiais e o seu sofrimento será recompensado em uma vida após a morte, mas o mesmo não se limita apenas a condição material do indivíduo, ele vai até a sua subjetividade, a sua condição espiritual e emocional. Dentro do modo de produção burguês é notável que, também por causa da divisão do trabalho - algo que contribui para a alienação e estranhamento do ser humano - o indivíduo perde a sua significação ou sentido de vida. E quando não busca pela espiritualização de sua vida, a religião vai atrás dele em todos os espaços que o proletariado, dentro da atualidade moderna, ocupa. Seja nos meios de transporte, nas praças públicas, nas vias públicas, dentro de instituições públicas ou privadas, e até dentro de sua própria casa, a religião busca o homem para dá ânimo ao um mundo sem coração, Marx fundamenta:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. (MARX, 2005, p. 145).

De acordo com Marx, a condição do indivíduo para com a religião se torna dependente por causa desse ópio espiritual, essa condição não só justifica tais determinações sociais como também acalma os trabalhadores e os consola dessa miséria real que o cercam. Como se libertar o trabalhador de algo que, enfeitando as relações sociais, os meios e modos de produção, o fez perder o sentido de sua própria existência?

Para Marx, o homem libertar-se-ia de sua condição de dependência espiritual, de suas ilusões e fantasias religiosas, só mudando a realidade que o põe nessa condição, transformando a estrutura que reproduz sua deprolação física e moral. É necessário retirar todas as flores imaginárias que escondem as correntes que flagelam e prendem o ser humano. Com o conhecimento das relações sociais, da composição de como funciona a lógica de produção e reprodução capitalista, os trabalhadores e trabalhadoras podem se libertar e quebrar esses grilhões. Dessa forma, o proletariado possui a capacidade de se livrar dessa condição de entorpecimento espiritual. Marx enfatiza:

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião

desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo. (MARX, 2005, p. 146).

É necessário destacar, que a religião não é o grande problema da sociedade moderna, ela é um sintoma dessa sociedade, que conseguiu se firmar dentro das estruturas do Estado Burguês, quando o iluminismo acreditou que a mesma seria limitada apenas para a vida privada dos indivíduos, coisa que nunca aconteceu do ponto de vista superestrutural. Ora, é ingênuo pensar que com a democracia burguesa e com a fetichização de como funciona essa mesma democracia e essa mesma sociedade, não haveria reprodução religiosas nos âmbitos da representação pública. O reavivamento dessa questão no contexto europeu ocidental foi motivo também dessa contradição entre liberdade burguesa e liberdade do homem sensível, como já foi exposto no capítulo anterior.

A religião faz parte da superestrutura ideológica do Estado burguês, como Marx já enfatizava em *A Ideologia Alemã* (1845-46). No entanto, a religião se diferencia das outras formas de ideologia, tais como as jurídicas, artísticas, políticas e filosóficas, pois ela justifica o status quo das determinações sociais. A realidade social precisa ser dessa forma para que o ser humano negue a realidade mundana com a alternativa de uma vida celestial. Algo visto até dentro de suas próprias escrituras sagradas, onde a compensação virá por ter passado pela experiência sofrível do mundo, e que essa experiência é fundamental para chegar ao “Reino de Deus”.

Ainda em *A Ideologia Alemã* (1845-46) e n’*A Sagrada Família*, Marx, e também Engels, possuem uma postura totalmente antiespeculativa. Ao contrário das abstrações dos neo-hegelianos, as formações ideológicas e suas ideias pertencem a uma época, e não o contrário. Essas formações ideológicas partem de pressupostos reais, da materialidade da vida e de sua produção. É incorreto pensar que uma ideia abstrata conduz a história e a realidade humana, suas determinações políticas e sociais. Pois, na verdade, a atividade material da humanidade e as relações dessas atividades materiais é que determinam a produção de ideais. Os homens e mulheres que criam a sociedade e sua própria história, assim como também são influenciadas

pelas mesmas em uma relação recíproca, como diriam Marx e Engels:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, os intercâmbios espirituais dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. (MARX&ENGELS, 2007, p.93-94).

Isso também é o que diferencia a crítica da religião de Marx à crítica da religião de Feuerbach. Diferentemente de Marx, Feuerbach ignorou a base social da religião, pois, ela não é independente, autônoma e atemporal, sua forma de atuação na sociedade depende do modo de produção desta sociedade. A religião sofre por transformações na medida em que a história da humanidade também se transforma. Na sétima *Tese sobre Feuerbach* (1845), Marx afirma que “Feuerbach não vê, por isso, que o ‘sentimento religioso’ é, ele mesmo, um produto social, e que o indivíduo abstrato que ele analisa pertence, na realidade, a uma determinada forma de sociedade” (MARX&ENGELS, 2007, p.539).

#### **4. Supressão da religião em uma sociedade emancipada**

Antes de chegarmos a supressão da religião, primeiro é importante abordar a relação intrínseca da religião com o modelo de sistema sócio-econômico vigente, com as relações de produção, com a propriedade privada e sua lógica de produção.

Em *O Capital*, Marx categoriza o produto da religião também como mercadoria. Fazendo uma analogia do ocultamento das relações sociais que a religião utiliza para a composição de sua atuação no âmbito privado e público da religião, é possível fazer uma correlação utilizando a categoria de fetichismo da mercadoria. No fetichismo da religião o homem real não se mostra. A humanidade precisa seguir a verdade de Deus, enquanto a humanidade, em sua essência, é escondida assim também como suas características.

No fetichismo da mercadoria, as relações sociais por trás das mercadorias são ocultadas.

Nesse sentido, a religião também se torna uma empresa onde há a comercialização de suas mercadorias. Como na idade média se vendiam pedaços do paraíso, na sociedade moderna não se é diferente, agora o mercado está mais sofisticado. A religião vai às camadas mais profundas da sociedade, da base ao pico das favelas, para conseguir vender o seu produto.

Assim como o fetichismo religioso esconde a relação da religião para com a sociedade civil, o fetichismo de suas mercadorias religiosas engana os homens e mulheres. São criados valores de uso espirituais e fantasiosos que entorpecem os indivíduos, enquanto o pouco dinheiro que lhes é conquistado é retirado de seu bolso para a enganação e a contemplação do que não existe. No fetichismo religioso Deus também aparece de forma autônoma, independente. A humanidade se torna exclusivamente como dependente e não como personagem que detém o controle de suas criações. Observem como Marx trata o tema:

Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que aqui, para eles, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si com os homens. Assim no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo de fetichismo, que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém [...] do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias (MARX, 2014, p. 147-148).

Marx relata que a relação dos trabalhadores com o processo de produção da mercadoria os deixam sem objetividade, totalmente esvaziados em relação ao mundo que estão inseridos, sua atividade perante ele e as condições que dá a existência dos mesmos.

Resumidamente, a crítica da religião em Marx se manifesta em cinco pontos chaves: primeiro, de forma inversa do mundo, das condições materiais miseráveis que se encontram os indivíduos. Segundo, como uma forma de protesto indireto contra essas condições materiais, contra a contradição do Estado burguês e seus direitos abstratos universais. Terceiro, como uma barreira que impede dos trabalhadores de perceberem a realidade concreta e as relações sociais que envolvem a miséria real, marcada pela propriedade privada dos meios de produção. A quarta, manifestações da esperança da salvação deste mundo, na crença ao paraíso encontrado em outro mundo, após o período apocalíptico e do juízo final, no encontro dos

miseráveis aos céus milagrosos. A quinta, como uma explicação falsa da realidade, sendo essa explicação fundamentada de fantasias em que, essas fantasias servem como justificção das condições materiais, acalmando seus corações e aceitando essas determinações nas suas vidas.

A supressão da religião não será possível dentro das condições da sociedade atual, por ser uma das formas de ideologia superestrutural do sistema capitalista, é um galho que não deixará de crescer na árvore do sistema. Não importa o quanto se corte esse galho, o problema da sociedade capitalista está na sua base, na sua lógica de produção. Para resolver os problemas do capitalismo é necessário sua total supressão, e isto só será possível, através de uma revolução social.

Na *Contribuição À Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*, Marx irá afirmar a necessidade da emancipação da classe dos trabalhadores e que a promoção dessa emancipação é tarefa histórica dessa mesma classe, que somente o proletariado pode libertar o proletariado, e mais, o proletariado não apenas os liberta, e sim, toda a sociedade:

Quando o proletariado anuncia a dissolução da ordem mundial até então existente, ele apenas revela o mistério de sua própria existência, uma vez que ele é a dissolução fática dessa ordem mundial. Quando o proletariado exige a negação da propriedade privada, ele apenas eleva a princípio da sociedade o que a sociedade elevava a princípio do proletariado, aquilo que nele já está involuntariamente incorporado como resultado negativo da sociedade (MARX, 2013, p. 162).

A política da classe burguesa não transforma de maneira positiva a sua condição material, a democracia burguesa nada mais é que a ditadura da burguesia sobre o proletariado, uma revolução de caráter social é essencial para uma erradicação da exploração do homem pelo homem. A Revolução Francesa, que ditou como seria a nova ordem política mundial, deixou clara em sua própria contradição que os valores que a classe burguesa gritavam como, por exemplo, o seu próprio tema (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) para todos os homens não ocorreu, pois esses valores só diziam respeito a sua própria classe. A emancipação política da classe burguesa oriunda de suas revoluções, não mudou de maneira substancial a participação política e a situação social dos trabalhadores e camponeses desses países. O Estado teve a função de legitimar a exploração de uma classe para outra, utilizando do argumento abstrato de que os trabalhadores participavam de uma democracia.

Desse modo, é indiscutível ter como base o sistema político para poder desferir um golpe de mudança efetiva na sociedade, que a exploração da classe burguesa não seja mais uma realidade e que as condições materiais de existência não seja reduzidas apenas à sobrevivência. De acordo com Marx, mesmo em países com a burguesia emancipada politicamente, a pauperização da vida dos trabalhadores ocorrem da mesma forma em países que não há essa emancipação. Não há a possibilidade de resolver problemas sociais com “reformas” sejam elas políticas ou elaboração de ementas para buscar resolver isso de forma social<sup>5</sup>.

Somente a construção do comunismo poderá levar a humanidade para sua verdadeira emancipação, e como se dará esse processo? De que forma os trabalhadores irão se organizar para conseguir tal êxito? Vale ressaltar que a revolução social não pode ter realização prática antes que haja condições materiais necessárias para tal feito. O poder não pode ser tomado em apenas um ataque, mas sim da participação de toda uma classe, no domínio de todas as esferas burguesas e estruturas político-sociais. A ascensão do proletariado para esta realização seria não só social, como também moral, eliminando completamente todos os vestígios do passado, todo e qualquer curral de imundices da história da humanidade, permitindo então começar tudo de novo.

Na obra *Crítica do Programa de Gotha* (1875) Marx elabora uma análise crítica ao programa do Partido Social-Democrata da Alemanha. Naquela oportunidade o projeto de programa escolhido pelo congresso do partido escolheria as teses de Lassalle<sup>6</sup>, o que fundamentou as críticas, sobretudo ao estatismo acentuado que ganhou espaço relevante nas resoluções do novo partido. Contrariando as ideias escolhidas pelo congresso, Marx justificou

---

<sup>5</sup> No contexto onde Marx abordava a manifestação das greves na Silésia, em resposta a Arnold Ruge, ele conseguiu compreender de fato, juntamente com a experiência de acompanhar a luta dos trabalhadores franceses, o temperamento fundamental da luta de classes entre proletários e capitalistas. Nessa obra, ele expôs a manifestação real da miséria como forma de produto da exploração de uma classe sobre outra e considerou-a consequência do desenvolvimento capitalista, pois as mazelas do capital manifestam-se tanto nas periferias como também nas regiões mais avançadas.

<sup>6</sup> O texto *Crítica ao Programa de Gotha* foi organizado em um compilado de cartas escritas por Marx que tinham a finalidade de análise crítica ao programa do Partido Social-Democrata da Alemanha, sendo este resultado de uma fusão entre dois partidos, a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, organizada pelo então Ferdinand Lassalle, e o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores, organizado por August Bebel, Wilhelm Bracke e Wilhelm Liebknecht, que eram os socialistas mais próximos de Marx.

as críticas afirmando que era indispensável que para se chegar a um estágio superior e ideal de sociedade seria necessário a construção da “ditadura revolucionária do proletariado”. Sendo essa ditadura uma forma de Estado onde os trabalhadores seriam os protagonistas. Não havendo a representação de governos burgueses, o que seria de extrema importância durante o período de transformação revolucionária que conduziria a instauração da sociedade comunista. Para a transformação de uma sociedade capitalista para a sociedade comunista, há a necessidade de um processo de transição, Marx daria o nome de Comunismo em seu estágio inicial, ou como também, socialismo, sendo que para a utilização desse termo seria necessário explicá-lo, para não haver equívocos na linguagem. O socialismo ou ditadura do proletariado é um meio com a finalidade que se atinja o fim de todas as classes sociais e de uma sociedade construída e assentada na exploração, na opressão e na dominação. Deve fazer parte de todo programa revolucionário dos partidos com a qual a classe trabalhadora participa e tem representação. Uma vez realizada a revolução, é tomado que o poder político do Estado, sendo assim é necessário a destruição do Estado burguês, juntamente com a propriedade privada dos meios de produção. Para uma análise da supressão da propriedade privada para propriedade social, é interessante analisarmos essa passagem n’*O Capital*, onde Marx expõe que:

Por fim, imaginemos uma associação de homens livres, que trabalham com meios de produção coletivos e que conscientemente despendem suas forças de trabalho individuais como uma única força social de trabalho. Todas as determinações do trabalho de Robinson reaparecem aqui, mas agora social, e não individualmente. Todos os produtos de Robinson eram seus produtos pessoais exclusivos e, por isso, imediatamente objetos de uso para ele. O produto total da associação é um produto social, e parte desse produto serve, por sua vez, como meio de produção. Ela permanece social, mas outra parte é consumida como meios de subsistência pelos membros da associação, o que faz com que tenha de ser distribuída entre eles. O modo dessa distribuição será diferente de acordo com o tipo peculiar do próprio organismo social de produção e o correspondente grau histórico de desenvolvimento dos produtores. (MARX, 2014, p. 153).

Em relação à distribuição dos produtos do trabalho, Marx acrescenta que:

Sua distribuição socialmente planejada regula a correta proporção das diversas funções de trabalho de acordo com as diferentes necessidades. Por outro lado, o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida da cota individual dos produtores no trabalho comum e, desse modo, também na parte a ser individualmente consumida do produto coletivo. (MARX, 2014, p. 153).

Apenas com essa diferença fundamental, nosso filósofo afirma em *O Capital* (1867) o “reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e com a natureza”. Com as relações de produção, seja entre a humanidade em si ou com a natureza, transformadas e transparentes, a religião perde seu significado e sua força. Não há mais exploração de homens e mulheres, não há miséria real e a religião não ocupará mais espaço na esfera pública da sociedade, o “ópio do povo” deixará de existir, a ideologia religiosa irá se extinguir e a felicidade que antes era ilusória, torna-se real, não do ponto de vista de justificação teológica e sim a felicidade real do povo.

Marx, quando afirmou na *Introdução a Crítica da Filosofia de Hegel* (1844) que a supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência da sua felicidade real já indicava o fim da religião em uma sociedade emancipada, já afirmava que essa exigência da felicidade real condicionava a abandonar essa realidade que necessitava de ilusões e fantasias.

## 5. Considerações finais

A sociedade moderna burguesa ainda está de pé e mais complexa do que na época de Marx, com novas tecnologias e novas formas de exploração, mas sua estrutura ainda é mesma. Além do mais, Marx já afirmava, em *Sobre a Questão Judaica* (1844), que não necessariamente para se construir um Estado moderno laico, os povos teriam que suprimir sua limitação religiosa para depois suprimir a sua limitação secular. Pelo contrário, é primeiramente no ato de suprimir suas barreiras seculares que eles suprimem sua limitação religiosa.

Nos tempos atuais, o avanço da religião está diretamente ligado aos avanços modernos do capitalismo. O mercado se internacionalizou e ocupou espaços, desde as áreas com condições materiais complexas à países do centro do capital. Com o atributo à expansão da lógica empresarial, esses fenômenos sócio históricos estão ligados ao retorno do fenômeno religioso na Europa ocidental.

É necessário entender que a emancipação humana, o comunismo, não é uma categoria

abstrata, ou idealista, é o movimento de libertação do proletariado e, portanto, ele não está dado ou feito, ou sequer seria uma receita de bolo para os problemas da sociedade moderna. Como disse Engels no discurso diante do túmulo de Marx:

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da Natureza orgânica, descobriu Marx a lei do desenvolvimento da história humana: o simples facto, até aqui encoberto sob pululâncias ideológicas, de que os homens, antes do mais, têm primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de se poderem entregar à política, à ciência, à arte, à religião, etc; de que, portanto, a produção dos meios de vida materiais imediatos (e, com ela, o estágio de desenvolvimento económico de um povo ou de um período de tempo) forma a base, a partir da qual as instituições do Estado, as visões do Direito, a arte e mesmo as representações religiosas dos homens em questão, se desenvolveram e a partir da qual, portanto, das têm também que ser explicadas — e não, como até agora tem acontecido, inversamente. (ENGELS, 1883, p. 1).

Muito se tem tentado deturpar a filosofia de Marx afirmando que tanto o modo de produção capitalista, sua lógica de reprodução e suas ideologias são características naturais do ser humano, ora, a história por si só nos mostra o contrário. Querer naturalizar a espiritualidade na essência da humanidade é afirmar que a espiritualidade é biologicamente ligada nas faculdades intelectivas da espécie, o que é, portanto, uma mentira, se analisarmos cientificamente o que se é biológico na composição do *homo sapiens sapiens*. Mesmo no campo da história, onde o próprio Marx afirma em que é a humanidade quem a faz, e não o contrário, afirmar que a religião é indispensável ou elementar na construção de qualquer sociedade ao longo do tempo é ser refém dessa própria história, como se as transformações da sociedade não pudesse mudar essa relação.

É equívoco pensar que homens e mulheres, sempre irão exercer atividades religiosas ou espirituais, mesmo na esfera privada, havendo, portanto, um determinismo religioso na história da humanidade. Crescer dentro de uma sociedade onde são propagados ideologicamente estes fatores em todas as esferas que a compõe, facilita e solidifica a construção dessa ideia. Como pensar em algo que é diferente da realidade em que eu vivi a minha vida inteira? Logo essa ideia chegará ao processo de reprodução ideológica para os demais membros da estrutura social.

## Referências

ENGELS, F. *Discurso diante do túmulo de Karl Marx*. Marxists, 1883. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1883/03/22.htm>>. Acesso em 01 de dez. de 2020.

- FEUERBACH, L. *A Essência do cristianismo*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- HEINRICH, M. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*, vol 1. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.,; ENGELS, F. *A sagrada família*. SãoPaulo: Boitempo, 2003.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Luta de classes na Alemanha*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PINTO, A. J. P. ; MAIA, A. G. B. *Fenômeno religioso, crítica da religião e emancipação em Marx*. Filosofia e religião: fenômeno religioso no mundo (pós)secular. 1ed. Porto Alegre: Fi, 2018, v. 1, p. 263-284.

Recebido em: 13-01-2023

Aprovado em: 25-01-2024

### **Antônio Glaudenir Brasil Maia**

Pós-Doutor em Filosofia pela UFC. Doutor em Filosofia pela UFPB/UFPE/UFRN, Mestre em Filosofia pela UECE e Graduação também em Filosofia pela mesma Instituição. Professor Associado do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-Sobral/Ce). Coordenador e professor do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia (MAF/UVA). Professor do Mestrado Profissional em Filosofia da UFC. Coordenador do Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião/CNPq. Docente e Coordenador do Projeto Programa de Formação Docente (PED Brasil) com atuação na formação de professores da rede básica de educação (Bolsista Funcap). Membro do Gt Ética e Cidadania/ANPOF. Membro da Associação Brasileira Filosofia da Religião (ABFR).

### **David Machado**

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela mesma Instituição. Professor da Educação Básica: SEDUC-CE.